

---

# **DESEMPENHO SOCIAL DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO NO BRASIL: UMA ABORDAGEM QUANTITATIVA BASEADA EM INDICADORES E ANÁLISE MULTICRITÉRIO<sup>1</sup>**

Denise Espich <sup>2</sup>  
Marta Von Ende <sup>3</sup>  
Flávia Zancan <sup>4</sup>

---

▪ Artigo recebido em: 07/11/2025 ▪ Artigo aceito em: 29/12/2025

## **RESUMO**

Este estudo propõe mensurar o desempenho social das cooperativas de crédito brasileiras a partir da construção de um índice. Utilizou-se uma base secundária padronizada, com dados de 3.583 cooperativas singulares ativas entre 2016 e 2020, coletados no Banco Central, IBGE e FGCoop. Foram mobilizados 16 indicadores agrupados em cinco dimensões teóricas. Aplicou-se Análise Fatorial Exploratória (AFE) para redução da dimensionalidade e, posteriormente, o método multicritério TOPSIS para ranqueamento do desempenho. Os resultados revelaram três fatores principais: amplitude do alcance, profundidade quanto ao acesso a produtos/serviços financeiros e profundidade relacionada à pobreza dos mutuários. O modelo apresentou consistência interna satisfatória e variância explicada superior a 80%. Em termos empíricos, observou-se desempenho social médio de 35,6%, com índices variando entre 0,039 e 0,841, indicando significativa heterogeneidade entre as cooperativas analisadas. A proposta contribui ao oferecer um índice replicável, capaz de subsidiar políticas públicas, decisões regulatórias e estratégias de gestão voltadas ao fortalecimento da função social do cooperativismo de crédito.

**Palavras-Chave:** Cooperativas de crédito. Desempenho social. Análise fatorial. TOPSIS.

## **SOCIAL PERFORMANCE OF CREDIT COOPERATIVES IN BRAZIL: A QUANTITATIVE APPROACH BASED ON INDICATORS AND MULTICRITERIA ANALYSIS**

---

<sup>1</sup> Artigo selecionado pelo Fast Track do 8º Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo (EBPC).

2 Doutora em Administração, Professora do Instituto Federal Farroupilha (IFFar), Linha 7 de setembro, s/n, BR 386 - KM 40, CEP: 98400-000, Frederico Westphalen – RS, (55) 3744-8900, denise.espich@iffarroupilha.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-6629-1080>

3 Doutora em Administração, Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Av. Roraima nº 1000, Cidade Universitária, Bairro Camobi, CEP: 97105-900, Santa Maria – RS, (55) 3220-8100, marta@politecnico.ufsm.br

<https://orcid.org/0000-0002-8747-0827>

4 Doutora em Controladoria e Contabilidade (ênfase em Finanças Corporativas), Professora do Instituto Federal Farroupilha (IFFar) e da Must University, Rua 20 de Setembro, 2616 - CEP 97420-000, São Vicente do Sul – RS, (55) 3218-8500, flaviazancan@alumni.usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-5060-7615>

## ABSTRACT

This study proposes to measure the social performance of Brazilian credit cooperatives by constructing an index. A standardized secondary database was used, with data from 3,583 active single cooperatives between 2016 and 2020, collected from the Central Bank, IBGE, and FGCoop. Sixteen indicators grouped into five theoretical dimensions were mobilized. Exploratory Factor Analysis (EFA) was applied to reduce dimensionality and, subsequently, the TOPSIS multicriteria method was used to rank performance. The results revealed three main factors: breadth of reach, depth of access to financial products/services, and depth related to borrower poverty. The model showed satisfactory internal consistency and explained variance greater than 80%. Empirically, an average social performance of 35.6% was observed, with indices ranging from 0.039 to 0.841, indicating significant heterogeneity among the cooperatives analyzed. The proposal contributes by offering a replicable index, capable of supporting public policies, regulatory decisions, and management strategies aimed at strengthening the social function of credit cooperatives.

**Keywords:** Credit cooperatives. Social performance. Factor analysis. TOPSIS.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao abordar o desempenho organizacional, observa-se com frequência a utilização dos conceitos de eficácia e eficiência. Conforme Neely, Gregory e Platts (1995) ambas são consideradas medidas de desempenho. A eficácia refere-se à medida em que os requisitos são atendidos, enquanto a eficiência indica o grau de economicidade no uso dos recursos para alcançar esses requisitos. Essas dimensões, embora relevantes, não esgotam as possibilidades de mensuração do desempenho, que pode envolver também indicadores sociais, ambientais e estratégicos.

As cooperativas de crédito operam sob uma lógica híbrida, devendo equilibrar missão social e viabilidade econômica. O foco exclusivo em uma dessas dimensões pode impactar negativamente seus cooperados (Santos, Pache & Birkholz, 2015), o que reforça a necessidade de avaliar seu desempenho sob ambas as óticas.

A mensuração do desempenho econômico-financeiro das cooperativas de crédito já é amplamente abordada na literatura nacional, com estudos que exploram diferentes metodologias e indicadores de eficiência. Bressan et al. (2010) destacam a utilidade do sistema PEARLS como instrumento de diagnóstico e monitoramento da solidez financeira, permitindo a comparação entre cooperativas e o acompanhamento de metas prudenciais. Desde então, diversos autores vêm empregando esse modelo ou adaptações dele para avaliar a sustentabilidade econômica do setor (Gollo & Silva, 2015; Maia, 2022; Vieira, 2023; Souza, 2024). Essa tradição de pesquisas voltadas à performance financeira demonstra a maturidade da mensuração econômico-contábil no cooperativismo de crédito brasileiro, o que justifica o enfoque deste estudo na análise do desempenho social, dimensão ainda incipiente, mas essencial à compreensão integral da dupla missão dessas organizações.

O desempenho social, em consonância com Martínez-Campillo, Fernández-Santos e Sierra-Fernández (2016), reflete a capacidade das cooperativas de gerar valor para seus membros e para a sociedade, ao atenderem às necessidades de grupos tradicionalmente excluídos do sistema financeiro e atuarem como agentes de coesão social, em consonância com os princípios cooperativistas. Assim, o desempenho social transcende a lógica do lucro, incorporando impactos sociais mensuráveis que contribuem para o bem-estar coletivo e a sustentabilidade territorial.

Diante disso, este estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: qual é o desempenho social das cooperativas de crédito brasileiras? Com esse propósito, objetiva-se mensurar o desempenho social das cooperativas de crédito brasileiras a partir da construção de um índice.

A principal contribuição deste estudo está na proposição de um índice de Desempenho Social (IDS) para cooperativas de crédito, integrando múltiplos indicadores sob uma perspectiva sistêmica. Embora Gollo e Silva (2015) tenham aplicado abordagem semelhante ao desempenho econômico-financeiro, a mensuração do desempenho social por esse viés ainda é incipiente na literatura.

A mensuração do desempenho, de modo geral, enfrenta limitações metodológicas e operacionais, seja pela disponibilidade de dados, seja por restrições de tempo e recursos (Carneiro et al., 2005). No caso do desempenho social das cooperativas de crédito, muitos estudos recorrem à literatura sobre instituições de microfinanças (IMFs), como em Amersdorffer et al. (2015), pela afinidade conceitual entre esses modelos organizacionais. Ainda que nem todas as cooperativas de crédito possam ser classificadas como IMFs, há uma convergência teórica e metodológica entre os critérios de mensuração aplicados a essas instituições e aqueles utilizados para avaliar as cooperativas.

Predominam abordagens que utilizam dados secundários contábeis e econômicos, com indicadores como inclusão financeira e socialização do cliente (Campillo & Santos, 2016; Campillo, Santos & Fernández, 2016). Ferramentas baseadas em dados primários, como o Social Performance Indicators (SPI), embora relevantes, têm aplicação a um número mais restrito de instituições (Amersdorffer et al., 2015). O SPI constitui um instrumento desenvolvido originalmente para mensurar o desempenho social de instituições de microfinanças, por meio da coleta direta de informações sobre missão, práticas de gestão e alcance social. Apesar de sua abrangência analítica, sua aplicação demanda dados qualitativos e operacionais obtidos junto às próprias organizações, o que limita sua utilização em análises comparativas de larga escala. Diante dessas restrições, este estudo adota indicadores fundamentados em Navajas et al. (2000), Schreiner (2002) e Rosenberg (2009), explorando dados secundários padronizados e acessíveis.

Adicionalmente, ressalta-se que, ao contrário das demonstrações financeiras (que seguem normas contábeis uniformes e permitem ampla comparabilidade), a divulgação das ações sociais pelas cooperativas carece de padronização, dificultando a atribuição de scores e a análise comparativa entre instituições e ao longo do tempo.

Historicamente, o cooperativismo foi reconhecido na Constituição Federal de 1988 como uma forma organizacional relevante do ponto de vista econômico e social. Ainda assim, enfrentam-se desafios estruturais e políticos que limitam a efetivação plena desse reconhecimento (Becho, 2022). Este cenário reforça a necessidade de aprimorar mecanismos de mensuração e comunicação do desempenho social, especialmente em um setor que usufrui de benefícios fiscais com base em sua relevância socioeconômica.

Neste cenário, a proposta contribui ao oferecer uma sistemática de avaliação comparável, replicável e ancorada teoricamente, capaz de gerar evidências empíricas para subsidiar políticas públicas, decisões regulatórias e práticas de gestão alinhadas à função social das cooperativas de crédito. Do ponto de vista teórico, o estudo amplia a compreensão sobre o desempenho das cooperativas de crédito ao integrar conceitos da literatura de microfinanças (Navajas et al., 2000; Schreiner, 2002; Rosenberg, 2009) à realidade brasileira, propondo um modelo voltado à mensuração do desempenho social.

No campo prático, o Índice de Desempenho Social (IDS) oferece uma ferramenta objetiva para monitorar o cumprimento da missão social das cooperativas, com base em indicadores públicos e padronizados, permitindo comparações e diagnósticos setoriais. Sob a ótica social, o estudo evidencia o papel das cooperativas de crédito na inclusão financeira e no desenvolvimento local, fortalecendo sua legitimidade como agentes de transformação e promoção da equidade socioeconômica.

Além disso, destaca-se o papel central da Contabilidade na viabilização da mensuração do desempenho social das cooperativas de crédito. As informações contábeis, ao fornecerem dados padronizados, auditáveis e comparáveis ao longo do tempo, constituem a principal base empírica para a construção de indicadores sociais derivados de dados secundários. No contexto das cooperativas de crédito, variáveis como volume de empréstimos, sobras, número de cooperados, composição das carteiras e resultados antes das destinações estatutárias permitem inferir dimensões sociais relevantes, como inclusão financeira, profundidade do alcance e retorno econômico aos cooperados. Dessa forma, a Contabilidade não apenas subsidia a análise do desempenho econômico-financeiro, mas também atua para operacionalizar a função social dessas organizações, ampliando a transparência, a accountability e a capacidade de monitoramento do cumprimento da missão cooperativista.

## **2 DESEMPENHO SOCIAL NAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO**

Com base nos estudos de Navajas et al. (2000), Schreiner (2002) e Rosenberg (2009) verifica-se que a avaliação do desempenho social das organizações de microcrédito têm sido baseados nos conceitos de alcance e sustentabilidade.

O alcance consiste no valor social do resultado da atividade de uma organização de microfinanças em termos de profundidade (valor e custo para os utilizadores), amplitude, extensão e âmbito (Navajas et al., 2000). De forma objetiva, a profundidade consiste no valor social do ganho líquido (o ganho líquido resulta do valor para os clientes menos o custo para os clientes); a

amplitude é o número de clientes; extensão são anos de serviço; e âmbito são tipos de contratos (Rosenberg, 2009). Desta forma, o benefício social do alcance de uma organização de microfinanças é o ganho líquido ponderado pela profundidade, somado à amplitude de clientes e ao âmbito dos contratos, e descontado ao longo do tempo (extensão) (Schreiner, 2002).

Já a sustentabilidade refere-se à permanência. As organizações sustentáveis tendem a melhorar mais o bem-estar, enquanto as organizações de microfinanças insustentáveis infligem custos aos pobres no futuro em decorrência do excesso dos ganhos usufruídos pelos pobres agora. Assim, a sustentabilidade afeta o alcance, pois a permanência tende a afetar as estruturas de incentivos e restrições que levam todos os grupos de partes interessadas num credor a agir de forma a aumentar a diferença entre valor social e custo social. Logo, a sustentabilidade não é um fim em si mesma, mas um meio para melhorar o bem-estar social (Navajas et al., 2000).

Seguindo os preceitos teóricos de Navajas et al. (2000), Schreiner (2002) e Rosenberg (2009), apresenta-se a seguir um aprofundamento teórico sobre os aspectos de alcance e sustentabilidade. Soma-se a estas a dimensão contribuição à sociedade e aos cooperados, identificada como complementar, pelo uso, por parte de alguns estudos, de métricas que não se aplicam aos conceitos de alcance e sustentabilidade apresentados, e que também integram aspectos sociais do desempenho.

**Profundidade do Alcance (PA):** A profundidade do alcance é o valor que a sociedade atribui ao ganho líquido da utilização do microcrédito por um determinado mutuário. Na teoria do bem-estar, a profundidade é o peso de um cliente na função de bem-estar social. Portanto, dado que a sociedade atribui mais peso aos pobres do que aos ricos, a pobreza é um bom indicador da profundidade (Navajas et al., 2000; Schreiner, 2002).

Normalmente um alcance mais profundo aumenta não só o valor social, mas também o custo social. É o caso com relação à pobreza, visto que, à medida que o rendimento e a riqueza diminuem, custa mais para o credor avaliar o risco de um empréstimo (Navajas et al., 2000; Schreiner, 2002). Porém, o alcance mais profundo pode aumentar apenas o valor social e não o custo social quando um credor encontrar melhores formas de avaliar o risco a um custo menor, resultando em uma economia por um melhor julgamento, e no aumento do acesso (Navajas et al., 2000).

Dada a dificuldade de mensurar diretamente o ganho líquido, proxies como pobreza, sexo, localização e escolaridade são utilizadas para indicar profundidade do alcance, associando maior valor social a perfis mais vulneráveis (Schreiner, 2002).

A proxy mais comum para a profundidade do alcance é o tamanho do empréstimo, o qual pode ser mensurado de cinco maneiras distintas, sendo elas: o valor desembolsado, o prazo até o vencimento, o valor da parcela, o tempo entre as parcelas, ou o montante médio pendente, em termos de reais-ano, de poder de compra emprestado. Em todas as abordagens, valores menores indicam maior profundidade. Embora o valor desembolsado seja a métrica mais utilizada

na prática, a medida considerada mais precisa é o montante médio pendente ajustado pelo tempo e pelo poder de compra (Schreiner, 2002).

**Amplitude do Alcance (AA):** As instituições de microfinanças visam aumentar a abrangência dos seus serviços, o que a faz primar pelo atendimento a um amplo número de clientes, especialmente aqueles considerados menos favorecidos (Araújo & Carmona, 2015). Deve-se observar a amplitude dada às restrições orçamentárias; pois os desejos e necessidades dos pobres excedem os recursos que lhes são destinados (Schreiner, 2002). Ou seja, a amplitude é importante, uma vez que as pessoas pobres são muitas, mas os recursos financeiros disponíveis para empréstimo são limitados (Navajas et al., 2000).

Deste modo, se todo o resto permanecer constante, a amplitude do alcance à pobreza depende do nível de recursos que pode atrair (Schreiner, 2002). Para tanto, a melhor medida da amplitude do alcance, segundo Rosenberg (2009), é o número de clientes ou contas que estão ativos em um determinado momento.

**Extensão do Alcance (EA):** A extensão do alcance, conforme Navajas et al. (2000), refere-se ao período de tempo em que uma organização de microfinanças produz empréstimos. Justifica-se sua importância em razão da sociedade se preocupar com o bem-estar dos pobres, tanto agora como no futuro, de modo não havendo um alcance prolongado, uma organização de microfinanças pode melhorar o bem-estar social a curto prazo, mas destruir a sua capacidade de o fazer a longo prazo. (Navajas et al., 2000; Schreiner, 2002).

**Âmbito do Alcance (AM):** O âmbito do alcance, consiste no número de tipos de contratos financeiros oferecidos por uma organização de microfinanças. As organizações com melhor alcance são aquelas que produzem pequenos empréstimos e depósitos (Navajas et al., 2000). Logo, o âmbito do alcance abrange empréstimos e serviços de poupança, sejam estes destinados a grupos ou indivíduos, por meio de contratos com diferentes termos (Navajas et al., 2000; Schreiner, 2002).

Embora o crédito seja amplamente reconhecido como ferramenta de inclusão, os depósitos também são fundamentais, pois todos os pobres podem poupar, enquanto nem todos são considerados aptos ao crédito. Além disso, os depósitos reforçam a sustentabilidade e a extensão, na medida em que sua manutenção depende da confiança dos depositantes na solvência da instituição (Navajas et al., 2000).

**Contribuição à Sociedade e aos Cooperados (CSC):** Outros indicadores utilizados para a mensuração do desempenho social, mas que não estão atrelados à profundidade, amplitude, âmbito e extensão do alcance foram observados na literatura e relacionam-se com a mensuração de contribuições que as cooperativas de crédito oferecem à sociedade e aos cooperados. Os indicadores propostos para esta dimensão adicional são incorporação de cooperativas, contribuições sociais e estatutárias, e resultado por cooperado.

**Sustentabilidade:** A dimensão da sustentabilidade, conforme Rosenberg (2009) e Navajas et al. (2000), refere-se à capacidade de permanência das organizações de microfinanças ao longo do tempo. Para Rosenberg (2009), trata-se de verificar se a instituição é suficientemente lucrativa para sustentar e/ou

expandir suas operações sem depender continuamente de subsídios. Navajas et al. (2000), por sua vez, compreendem a sustentabilidade como um meio — e não um fim — voltado à maximização do valor social líquido, descontado ao longo do tempo. Apesar de não proporem métricas específicas, Rosenberg (2009) apresenta indicadores financeiros associados à lucratividade. Entretanto, a aplicação desses indicadores às cooperativas de crédito brasileiras é limitada pela escassez de dados. Nesse contexto, propõe-se uma análise integrada das dimensões sociais, até aqui elencadas, com dimensões econômico-financeiras, com base em métricas como as do sistema PEARLS.

Por fim, relacionou-se estas dimensões a um conjunto de indicadores amplamente utilizados na literatura que aborda o desempenho social de cooperativas de crédito, os quais são elencados na Tabela 1.

**Tabela 1**

Indicadores sociais baseados nas dimensões sociais

Ind.	Objetivo	Cálculo	Sugestão	Embasamento
PA 1.1	<b>Nível de pobreza do cliente:</b> identificar o nível de pobreza dos clientes assistidos pela cooperativa de crédito.	$p_i = 1 - \left( \frac{Ki - \text{Min}(K)}{\text{Amplitude}(K)} \right)$ <p>Onde K é o valor médio de empréstimos; i é um indicador associado a uma determinada instituição; Min(K) é o valor mínimo dentre todos i, enquanto Amplitude(K) é o valor máximo de K dentre todos i menos o valor mínimo de K dentre todos i.</p> <p><b>Expresso em:</b> %.</p>	Quanto maior melhor	Gutiérrez-Nieto, Serrano-Cinca, e Mar Molinero (2009); Kaur (2016); Araújo e Carmona (2015); Silveira (2017); Agostinho (2022); Vieira (2023)
PA 1.2	<b>Socialização cliente:</b> refletir o direcionamento das operações patrimoniais das cooperativas de crédito para sua massa social.	<p><b>Empréstimos</b>  <b>Número de contas ativas</b></p> <p><b>Expresso em:</b> R\$ mil por membro.</p>	Quanto menor melhor	Belmonte-Ureña e Plaza-Úbeda(2008); Belmonte-Ureña (2012); Campillo, Santos e Fernández (2016); Campillo e Santos (2016).
PA 2	<b>Empoderamento da mulher:</b> revelar a profundidade de alcance social por meio do acesso aos serviços de intermediação financeira pelas mulheres.	<p>Nº de cooperadas mulheres</p> <p>Nº total de cooperados PF</p> <p><b>Expresso em:</b> %.</p>	Quanto maior melhor	Agostinho (2022); Vieira (2023); Souza (2024)

PA 3.1	<b>Inclusão financeira:</b> avaliar o comprometimento das cooperativas	Nº de PAC em município tendo menos de 25.000 habitantes Total de PAC <b>Expresso em:</b> %.	Quanto maior melhor	Campillo e Santos (2016); Belmonte-Ureña (2012).
PA 3.2	<b>Acesso aos serviços financeiros:</b> avaliar a presença de cooperativas em municípios desassistidos por instituições financeiras.	Nº de PAC em municípios sem agências Total de PAC <b>Expresso em:</b> %.	Quanto maior melhor	Baseado em: Navajas <i>et al.</i> (2000); Schreiner (2002).
PA 3.3	<b>Número médio de operações por tomador:</b> avaliar o acesso aos serviços de crédito pelo maior número de clientes em relação a quantidade de operações de crédito firmadas.	Número de operações ativas Número de clientes com operações ativas <b>Expresso em:</b> quantidade por membro.	Quanto mais próximo de 1 melhor.	Santos <i>et al.</i> (2019)
AA 1	<b>Número de clientes atendidos:</b> identificar a amplitude do alcance ao viabilizar os benefícios sociais do microcrédito para o maior número possível de clientes.	O número de clientes com operações de crédito ativas. <b>Expresso em:</b> quantidade.	Quanto maior melhor	Araújo e Carmona (2015); Silveira (2017); Rosenberg (2009); Vieira (2023)
AA 2	<b>Crescimento do quadro social:</b> medir o crescimento ou aumento do quadro social da cooperativa, indicando o quanto a cooperativa progrediu ou regrediu em relação ao seu quadro de associados.	Nº de associados <u>no ano corrente</u> Nº de associados no ano anterior <b>Expresso em:</b> %.	Quanto maior melhor	Santos e Neves (2019); Vieira (2023)

EA 1	<b>Duração:</b> identificar o período de tempo em que uma IMF produz empréstimos	Ano Corrente – Ano de Fundação <b>Expresso em:</b> quantidade.	Quanto maior melhor.	Navajas et al. (2000)
EA 2	<b>Sobras:</b> sinalizar alguma capacidade de comprar recursos no mercado, mantendo sua extensão do alcance no longo prazo.	$\Sigma$ (0,33 por ano com sobras nos últimos 3 anos) <b>Expresso em:</b> %.	Quanto maior melhor.	Schreiner (2002)
EA 3	<b>Empréstimos de longo prazo:</b> sinalizar contratos de concessão de crédito no período superior a 15 anos, como um indicativo de que irá manter sua extensão do alcance no longo prazo.	Valores a vencer <u>acima de 5400 dias</u> Carteira de crédito ativa total <b>Expresso em:</b> %.	Quanto maior melhor.	Navajas et al. (2000) e Schreiner (2002)
AM 1	<b>Quantidade de empréstimos:</b> identificar os benefícios sociais do microcrédito por meio do maior número de operações.	O número de operações de crédito ativa. <b>Expresso em:</b> quantidade.	Quanto maior melhor	Schreiner (2002); Fried, Lovell e Eeckaut (1993)
AM 2	<b>Variedade de empréstimos:</b> identificar os benefícios sociais do microcrédito por meio de uma maior variedade de operações de crédito possível.	Nº de tipos de empréstimos oferecidos Máx. tipos na classe <b>Expresso em:</b> %.	Quanto maior melhor	Fried, Lovell e Eeckaut (1993)
CSC 1	<b>Incorporação de cooperativas:</b> identificar a incorporação de cooperativas contribuindo com a sociedade e com os membros da cooperativa incorporada.	1 se incorporou outra cooperativa no período, 0 caso contrário	Quanto maior melhor	Bauer, Miles e Nishikawa (2009); Vieira e Bressan (2023)

<b>CSC 2</b>	<b>Contribuições Sociais e Estatutárias:</b> identificar a proporção de obrigações sociais e estatutárias em relação às sobras.	Obrigações Sociais e Estatutárias Resultado antes dos tributos <b>Expresso em:</b> %.	Quanto maior melhor	Com base em Campillo, Santos e Fernández (2016) Souza (2024)
<b>CSC 3</b>	<b>Resultado por cooperado:</b> identificar os recursos financeiros resultantes das operações de intermediação financeira que retornam aos cooperados.	Resultado antes dos tributos Total de cooperados <b>Expresso em:</b> %.	Quanto maior melhor	Maia (2022)

Notas: PA – Profundidade do Alcance; AA – Amplitude do Alcance; EA – Extensão do Alcance; AM – Âmbito do Alcance; CSC – Contribuição à Sociedade e aos Cooperados; PAC – Posto de Atendimento Cooperativo; PF – Pessoa Física.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A unidade de análise deste estudo compreende as cooperativas de crédito singulares em atividade no período de 2016 a 2020, definido em função da disponibilidade dos dados. Após a exclusão de observações com informações ausentes ou inválidas, obteve-se uma amostra de 3.583 cooperativas de crédito/ano.

Foram utilizados 16 indicadores, agrupados em cinco dimensões sociais conforme a literatura, cujos dados foram extraídos de Banco Central do Brasil (2023a, 2023b), IBGE (2023), e Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito [FGCoop] (2023). Os indicadores foram padronizados em escala de 0 a 1, considerando-se o sentido de interpretação de cada um (quanto maior, melhor ou pior), de forma a refletir o desempenho relativo de cada cooperativa.

Aplicou-se a Análise Fatorial Exploratória (AFE) com extração de Análise do Componente Principal e rotação ortogonal Varimax com normalização de Kaiser, utilizando-se do IBM SPSS Statistics Software®. A adequação dos modelos foi verificada pela estatística Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), teste de esfericidade de Bartlett, e teste para avaliar a consistência interna das variáveis para cada fator, o alpha de Cronbach.

A partir dos fatores extraídos via AFE e da variância explicada por cada um, construiu-se um Índice de Desempenho Social (IDS) anual com base no método TOPSIS (Yoon & Hwang, 1985). Essa técnica multicritério classifica as alternativas conforme sua proximidade da solução ideal positiva e afastamento da negativa, utilizando como pesos a proporção da variância explicada por cada dimensão. As pontuações foram organizadas em uma matriz de decisão,

permitindo a ordenação das cooperativas com base em seu desempenho social relativo.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da análise das dimensões do desempenho social indicaram a presença de três fatores, compostos por sete indicadores, que em conjunto se propõe mensurar o Desempenho Social.

**DDS\_1 (Amplitude do Alcance):** A primeira Dimensão do Desempenho Social resultante da AFE agrupou os indicadores “número de clientes atendidos” (AA1), “quantidade de empréstimos” (AM1). O agrupamento destes indicadores revela aspectos da dimensão social de Amplitude do Alcance, pois permitem mensurar quão abrangente é a oferta dos produtos financeiros oferecidos pelas cooperativas de crédito.

O indicador “número de clientes atendidos” (AA1) permite identificar a amplitude do alcance ao viabilizar os benefícios sociais do microcrédito para o maior número possível de clientes. Visto que, utilizando-se de recursos limitados, a cooperativa amplia seu alcance primando pelo atendimento a um amplo número de clientes (Navajas et al., 2000; Araújo & Carmona, 2015).

Já o indicador “quantidade de empréstimos” (AM1) identifica os benefícios sociais do microcrédito por meio do maior número de operações de crédito possível. Pois, dada a limitação de recursos da cooperativa, esta expande seu alcance quanto maior for a quantidade de empréstimos fornecidos, assim fornecendo atendimento a uma variedade maior de necessidades financeiras e aumentando o volume de recursos que o cooperado pode atrair com base em suas necessidades (Schreiner, 2002). Ou seja, um maior número de operações realizadas pelas cooperativas permite atender de forma mais adequada às demandas dos seus associados, indicando uma melhor capacidade de abranger mais clientes (Vieira, 2023).

**DDS\_2 (Profundidade do Alcance quanto ao acesso aos produtos/serviços financeiros):** A segunda Dimensão do Desempenho Social resultante da AFE agrupou os indicadores “inclusão financeira” (PA3.1), o “acesso aos serviços financeiros” (PA3.2) e a “variedade de empréstimos” (AM2). Tais indicadores se propõem a capturar a profundidade do alcance sob o aspecto do acesso aos produtos/serviços financeiros.

Esta divisão das métricas de profundidade do alcance em duas dimensões sociais se deve em virtude da dificuldade de mensuração da profundidade do alcance diretamente através do rendimento ou da riqueza social gerada pela ponderação do ganho líquido (Schreiner, 2002). Em virtude disso utilizou-se de proxies simples e indiretas, que são: pobreza dos mutuários (prefere-se os mais pobres) no caso da DDS\_3 e acesso a serviços públicos (prefere-se a falta de acesso) abordada nesta dimensão.

O indicador “inclusão financeira” (PA3.1) permite avaliar o comprometimento das cooperativas de crédito no combate à exclusão financeira daqueles clientes correspondentes a municípios pouco populosos, ao identificar a proporção dos postos de atendimento em municípios com menos de

25.000 habitantes. Em virtude da forte relação entre desenvolvimento financeiro e crescimento econômico (Jacques & Gonçalves, 2016) a inclusão financeira é uma necessidade da população. Municípios menores, onde estão instaladas apenas caixas econômicas e cooperativas de crédito, estariam desassistidos dos serviços de intermediação financeira por não serem economicamente atrativos para instituições financeiras tradicionais, não fosse a presença dessas instituições (Belmonte-Ureña, 2012).

De modo similar, o indicador “acesso aos serviços financeiros” (PA3.2) avalia o acesso aos serviços de intermediação financeira por meio da presença das cooperativas de crédito em municípios que estão desassistidos por instituições financeiras tradicionais. As cooperativas de crédito são indicadas como instituições alternativas para o fornecimento de crédito em vista de suas características particulares, como: assumir os riscos de suas aplicações em prol da comunidade, promover o desenvolvimento local através da formação de poupança e do microcrédito direcionado a iniciativas empresariais locais (Jacques & Gonçalves, 2016).

Já o indicador “variedade de empréstimos” (AM2) identifica os benefícios sociais do microcrédito por meio de uma maior variedade de operações de crédito possível. Apesar deste indicador se classificar na dimensão da amplitude do alcance, comprehende-se que ele contribua com a profundidade do alcance no que tange o acesso aos produtos/serviços financeiros uma vez que uma maior variedade de empréstimos disponibilizada pela cooperativa de crédito, possibilita aos seus cooperados a escolha da forma de empréstimo que melhor se adapta a sua realidade individual (Fried; Knox Lovell & Eeckaut, 1993). Ou seja, uma maior variedade de modalidades de crédito consiste em um acesso maior aos serviços/produtos financeiros.

**DDS\_3 (Profundidade do Alcance quanto a pobreza dos mutuários):** A terceira Dimensão do Desempenho Social resultante da AFE agrupou os indicadores “nível de pobreza do cliente” (PA1.1) e “socialização cliente” (PA1.2). Esta dimensão revela a profundidade do alcance com relação à pobreza dos mutuários. De modo geral comprehende-se pertinente retomar que a profundidade do alcance reflete uma ponderação do ganho líquido, isto é o valor atribuído pela sociedade ao ganho líquido de determinada pessoa, neste caso pautado em suas características de renda (Navajas et al., 2000). Dado que a sociedade atribui mais peso aos pobres do que aos ricos, a pobreza é um bom indicador da profundidade (Navajas et al., 2000; Schreiner, 2002).

O indicador “nível de pobreza do cliente” (PA1.1) propõe identificar o nível de pobreza dos clientes assistidos pela cooperativa de crédito ao relacionar o saldo médio de empréstimos por contas ativas ao PIB per capita do município no qual a cooperativa está sediada. Assim, este indicador permite uma comparação de quanto profundamente as cooperativas de crédito atingem suas próprias distribuições de renda aos clientes mais pobres (Rosenberg, 2009).

Já o indicador “socialização cliente” (PA1.2) reflete o direcionamento das operações patrimoniais das cooperativas de crédito para sua massa social. Ao dividir o valor dos empréstimos pelo número de contas das carteiras de crédito ativas, evidencia o valor médio dos empréstimos. Embora não seja uma medida perfeita do nível de pobreza, comprehende-se este como sendo um excelente

indicador da profundidade do alcance, dada a forte correlação positiva entre o nível de rendimento e o tamanho dos empréstimos, ou seja, quanto mais pobre for o mutuário, menor será o montante do empréstimo (Quayes, 2012).

Dessa forma, passa-se à apresentação dos resultados estatísticos detalhados, iniciando-se pela avaliação da consistência interna das variáveis utilizadas na extração dos fatores, por meio do alfa de Cronbach. O primeiro fator (DDS\_1) apresentou valores superiores a 0,95 em todos os anos analisados, enquanto o terceiro fator (DDS\_3) manteve valores acima de 0,90 no mesmo período. O segundo fator (DDS\_2) obteve alfa superior a 0,70 entre 2017 e 2020, com exceção de 2016, cujo valor foi 0,662. Esses resultados indicam consistência interna satisfatória dos fatores, validando a adequação dos itens à mensuração dos respectivos construtos.

Ainda, verificou-se a adequação global da extração dos fatores, por meio da estatística Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do teste de esfericidade de Bartlett. Os testes estatísticos confirmaram a adequação dos dados à AFE. O teste KMO apresentou valores acima de 0,50 para todos os anos (2016–2020), e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo, indicando correlações suficientes entre as variáveis.

A AFE revelou três fatores com autovalores superiores a 1, que explicam conjuntamente mais de 80% da variância total. O primeiro fator explicou cerca de 29%, o segundo entre 27% e 28%, e o terceiro entre 26% e 27%. Esses fatores foram mantidos conforme o critério de Kaiser, consolidando uma estrutura que sintetiza adequadamente os indicadores originais.

As communalidades confirmaram o bom poder explicativo da maioria das variáveis para todos os anos analisados. “Número de clientes atendidos” (AA1) e “Quantidade de empréstimos” (AM1) apresentaram communalidades superiores a 0,95. Já “Variedade de empréstimos” (AM2) evidencia um menor poder explicativo dos fatores extraídos, pouco acima de 0,50, ainda aceitáveis. De forma geral, todas as variáveis contribuíram para a estrutura fatorial, sem cargas cruzadas relevantes.

A Tabela 2 apresenta a matriz rotacionada dos componentes. Indicadores com cargas superiores a  $\pm 0,50$  foram considerados relevantes na composição dos fatores. O primeiro fator (DDS\_1) está associado a AA1 e AM1; o segundo (DDS\_2), a PA3.1, PA3.2 e AM2; e o terceiro (DDS\_3), a PA1.1 e PA1.2 — com inversão da ordem entre 2016 e os demais anos.

**Tabela 2**  
Matriz de componente rotativa

2016			2017			2018			2019			2020			
1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	
AM 1	,981	,007	,070	AM 1	,984	,070	,005	AM 1	,984	,069	,019	A M1	,984	,061	,031
AA 1	,975	,058	,036	AA 1	,978	,037	,062	AA 1	,980	,044	,063	AA 1	,980	,046	,066
PA 12	,006	,968	,008	PA 31	,050	,901	,041	PA 31	,043	,901	,023	PA 31	,037	,906	,041

<b>PA</b> <b>11</b>	,034 ,967 -,038	<b>PA</b> <b>32</b>	-,091 ,839 ,062	<b>PA</b> <b>32</b>	-,093 ,848 ,088	<b>PA</b> <b>32</b>	-,094 ,860 ,067	<b>PA</b> <b>32</b>	-,095 ,862 ,078
<b>PA</b> <b>31</b>	,046 ,052 ,881	<b>AM</b> <b>2</b>	,318 ,645 ,266	<b>AM</b> <b>2</b>	,326 ,654 ,223	<b>A</b> <b>M2</b>	,340 ,662 ,212	<b>AM</b> <b>2</b>	,359 ,632 ,179
<b>PA</b> <b>32</b>	-,082 ,049 ,814	<b>PA</b> <b>12</b>	,012 ,010 ,964	<b>PA</b> <b>12</b>	,014 ,020 ,966	<b>PA</b> <b>12</b>	,022 ,020 ,970	<b>PA</b> <b>11</b>	,056 ,012 ,965
<b>AM</b> <b>2</b>	,330 ,259 ,631	<b>PA</b> <b>11</b>	,047 ,047 ,961	<b>PA</b> <b>11</b>	,055 ,045 ,963	<b>PA</b> <b>11</b>	,059 ,042 ,967	<b>PA</b> <b>12</b>	,023 ,027 ,964

Notas: número de clientes atendidos (AA1); quantidade de empréstimos (AM1); inclusão financeira (PA3.1), acesso aos serviços financeiros (PA3.2); variedade de empréstimos (AM2); nível de pobreza do cliente (PA1.1) e socialização cliente (PA1.2).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Observou-se consistência na composição das dimensões do desempenho social, com três fatores principais explicando mais de 80% da variância dos sete indicadores analisados ao longo de cinco anos. DDS\_1 representa Amplitude do Alcance, DDS\_2 reflete Profundidade do Alcance no acesso a produtos/serviços financeiros, e DDS\_3 captura a Profundidade do Alcance referente à pobreza dos mutuários. A AFE mostrou-se eficaz para simplificar os dados e evidenciar padrões nas dimensões do desempenho social das cooperativas de crédito singulares brasileiras.

Após aplicar o método TOPSIS para mensurar os índices de desempenho social, foram calculadas estatísticas descritivas desses índices segundo o sistema, a classificação Clássica ou Plena, e a região da sede da cooperativa (Tabela 3).

**Tabela 3**

Estatísticas descritivas dos IDS por Sistema

<b>Sistema</b>	<b>Nº</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>	<b>Mediana</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Sicredi	562	,374	,040	,370	,263	,594
Sicredi	1436	,354	,036	,351	,064	,488
Unicred	131	,336	,034	,334	,260	,404
Cresol	452	,361	,029	,359	,294	,416
Independente	1002	,350	,058	,351	,039	,841
Clássica	3365	,356	,044	,354	,039	,841
Plena	218	,367	,050	,369	,088	,479
Sul	1339	,367	,046	,362	,224	,841
Sudeste	1401	,353	,037	,351	,088	,434
Norte	157	,339	,040	,343	,192	,423
Nordeste	323	,351	,033	,348	,234	,420
Centro-Oeste	363	,343	,062	,348	,039	,461
Total	3583	,356	,044	,355	,039	,841

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Expostos esses resultados iniciais, comprehende-se pertinente aprofundar a discussão sobre o IDS caracterizando as 10 cooperativas de crédito com os piores e os melhores IDS (Tabela 4). Para esta análise, os IDS foram ordenados, do maior para o menor, com base nesta organização selecionou-se as 10 cooperativas associadas aos melhores e piores desempenhos, e sistematizou-se a tabela elencando as cooperativas, algumas características e os seus índices de desempenho. Para contribuir com a análise, acrescentou-se todos os desempenhos mensurados para essas cooperativas.

A análise da Tabela 4 destaca o desempenho expressivo da cooperativa de código “82639451”, cujo IDS superou 80% em todos os anos analisados (2016–2020). Trata-se de uma cooperativa Clássica, sediada em Santa Catarina (região Sul), independente (sem vinculação a sistemas como Sicredi, Sicoob, Unicred ou Cresol). Essa cooperativa obteve o melhor desempenho na DDS\_1, apresentando os maiores valores em número de clientes atendidos (AA1 = 1) e quantidade de empréstimos (AM1 = 1). Também obteve resultados elevados na DDS\_3, com PA1.1 e PA1.2 acima de 0,95, evidenciando forte atuação junto a públicos de baixa renda. Entretanto, os resultados da DDS\_2 foram menos expressivos, os baixos índices de inclusão (PA3.1) e acesso (PA3.2) indicam a possibilidade de melhorar a profundidade de seu alcance social em termos de acesso a produtos/serviços.

**Tabela 4**

Caracterização das cooperativas de crédito com os 10 piores e 10 melhores IDS

Ordem	Código	Classificação	Estado	Região	Sistema	Índice de Desempenho Social - IDS				
						2016	2017	2018	2019	2020
1	82639451	Clássica	SC	Sul	Independente	,841	,832	,826	,823	,817
2	79342069	Clássica	PR	Sul	Sicredi	,498	,493	,534	,594	,511
3	78414067	Clássica	PR	Sul	Sicredi	,463	,425	,469	,527	,456
4	81099491	Clássica	PR	Sul	Sicredi	,433	,388	,420	,488	,434
5	78825270	Clássica	SC	Sul	Sicoob	,446	,409	,440	,488	,436
6	88894548	Clássica	RS	Sul	Sicredi	,462	,416	,434	,480	,417
7	91586982	Plena	RS	Sul	Sicredi	,445	,390	,417	,479	,418
8	3459850	Clássica	PR	Sul	Sicoob	,416	,360	,397	,464	,418
9	1658426	Clássica	DF	CO	Independente	,461	,401	,414	,451	,388
10	79457883	Plena	PR	Sul	Sicredi	,416	,370	,399	,456	,399
799	1572667	Clássica	RS	Sul	Independente	,314	,232	,253	,314	,261
800	26563270	Clássica	MT	CO	Independente	,291	,222	,217	,313	,288
801	4388688	Clássica	GO	CO	Independente /Sicoob	,297	,165	,184	,311	,244
802	24795049	Clássica	GO	CO	Independente	,303	,208	,222	,271	,201
803	5439425	Clássica	AC	Norte	Independente	,297	,200	,217	,237	,192
804	71207740	Clássica	MG	Sudeste	Sicoob	,281	,147	,155	,196	,144
805	44469161	Plena	SP	Sudeste	Independente	,190	,088	,153	,274	,276
806	968602	Clássica	GO	CO	Independente	,056	,056	,123	,239	,211
807	50848910	Clássica	SP	Sudeste	Independente	-	-	-	-	,108
808	37255049	Clássica	GO	CO	Independente /Sicoob	,040	,045	,039	,050	,064

Nota: Centro-Oeste (CO).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

No conjunto das cooperativas com maiores IDS, observou-se predominância da região Sul (9 em 10) e destaque para o Sistema Sicredi (6), seguido por Sicoob (2) e independentes (2). Entre as dez com pior desempenho, sete eram independentes. Essa configuração sugere que a atuação em rede pode influenciar positivamente o desempenho social, ainda que cooperativas independentes também possam alcançar índices elevados, quando bem estruturadas. A ausência de padronização em aspectos de governança pode explicar os extremos positivos e negativos observados entre cooperativas não vinculadas. A média geral de IDS (35,6%) indica baixo desempenho social entre as cooperativas analisadas. Considerando que cada dimensão possui peso semelhante na composição do índice, infere-se a possibilidade de que muitas cooperativas concentram esforços em apenas uma dimensão, com desempenho insuficiente nas demais. Esse cenário reforça a necessidade de monitoramento sistemático do desempenho social, o que ainda não é evidenciado na prática das cooperativas brasileiras.

Embora existam metodologias alternativas para mensuração — como os Padrões Universais da Gestão do Desempenho Social (GDS) —, a escassez de dados limita sua aplicação. Assim, evidencia-se a necessidade de criação de uma base pública com dados sociais das cooperativas, similar ao que já ocorre com os dados econômico-financeiros. Tal avanço permitiria não apenas o monitoramento pelos gestores e reguladores, mas também maior alinhamento com os objetivos sociais das cooperativas.

Em suma, os resultados indicam que o desempenho social das cooperativas de crédito brasileiras ainda é limitado, tanto por desafios de mensuração quanto por ausência de monitoramento efetivo. O desenvolvimento de indicadores e índices comparáveis, como o IDS proposto, é essencial para fomentar estratégias voltadas ao fortalecimento do papel social dessas instituições.

## 5 CONCLUSÕES

Este estudo mensurou o desempenho social das cooperativas de crédito brasileiras a partir da construção de um índice, considerando sua natureza híbrida e os desafios em equilibrar missão social e sustentabilidade econômica. A partir de dados secundários, foi possível estruturar uma abordagem replicável e comparável, contribuindo metodologicamente para o campo.

Os resultados apontam baixo desempenho médio (IDS de 35,6%), o que pode indicar a concentração em apenas uma das dimensões sociais e a ausência de monitoramento sistemático. Cooperativas vinculadas a sistemas, especialmente na região Sul, apresentaram melhores resultados, embora as independentes também se destacaram.

A análise integrada permite identificar oportunidades de melhoria na atuação social das cooperativas e fornece subsídios para gestores e formuladores de políticas. Reforça-se, ainda, a necessidade de uma base pública com dados sociais padronizados para ampliar a transparência e o acompanhamento do desempenho social no setor.

Como limitações, destaca-se a dependência de dados secundários, que embora viabilizem a replicabilidade e abrangência da análise, impõem restrições quanto à profundidade de algumas variáveis. Futuras pesquisas podem avançar na aplicação de metodologias qualitativas ou mistas, bem como explorar recortes regionais e interinstitucionais mais específicos.

Por fim, destaca-se que a adoção sistemática de indicadores sociais padronizados é essencial para auxiliar a consolidação do cooperativismo de crédito como um instrumento efetivo de inclusão financeira e desenvolvimento socioeconômico. A disseminação de práticas de transparência e de mensuração social poderá fortalecer a legitimidade e a sustentabilidade dessas instituições no longo prazo.

## REFERÊNCIAS

- Agostinho, E. A. de L. A. (2022). *Ensaios sobre a eficiência das instituições de microfinanças* [Tese de doutorado, Universidade de Lisboa].
- Amersdorffer, F., et al. (2015). Efficiency in microfinance: Financial and social performance of agricultural credit cooperatives in Bulgaria. *Journal of the Operational Research Society*, 66(1), 57–65. <https://doi.org/10.1057/jors.2014.1>
- Araújo, E. A., & Carmona, C. U. de M. (2015). Eficiência das instituições de microcrédito: Uma aplicação de DEA/VRS no contexto brasileiro. *Production*, 25(3), 701–712. <https://doi.org/10.1590/0103-6513.094712>
- Banco Central do Brasil. (2023a). Dados selecionados. <https://www3.bcb.gov.br/ifdata/>
- Banco Central do Brasil. (2023b). *Balancetes e balanços patrimoniais*. <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/balancetesbalancospatrimoniais>
- Bauer, K. J., Miles, L. L., & Nishikawa, T. (2009). The effect of mergers on credit union performance. *Journal of Banking & Finance*, 33(12), 2267–2274. <https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2009.05.021>
- Becho, R. L. (2022). A tributação das cooperativas na fase atual do direito brasileiro. *Direito em Movimento*, 20(1), 143–157. Recuperado de <https://ojs.emerj.com.br/index.php/direitoemmovimento/article/view/407>
- Belmonte-Ureña, L. J. (2012). La eficiencia social de las cooperativas de crédito españolas: Una aproximación mediante el análisis DEA. *Revista de Microfinanzas y Banca Social*, 1, 133–152.
- Belmonte-Ureña, L. J., & Plaza-Úbeda, J. A. (2008). Análisis de la eficiencia en las cooperativas de crédito en España: Una propuesta metodológica basada en el análisis envolvente de datos (DEA). *Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa*, 63, 113–133.
- Bressan, V. G. F., Braga, M. J., Bressan, A. A., & Resende, M. F. (2010). Eficiência e desempenho econômico-financeiro em cooperativas de crédito brasileiras. *Revista de Administração Contemporânea*, 14(3), 489–507. <https://doi.org/10.1590/S1415-6552010000300009>

- Campillo, A. M., & Santos, Y. F. (2016). What about the social efficiency in credit cooperatives? Evidence from Spain (2008–2014). *Social Indicators Research*, 131(2), 607–629. <https://doi.org/10.1007/s11205-016-1265-2>
- Campillo, A. M., Santos, Y. F., & Fernández, M. del P. S. (2016). How well have social economy financial institutions performed during the crisis period? Exploring financial and social efficiency in Spanish credit unions. *Journal of Business Ethics*, 151(2), 319–336. <https://doi.org/10.1007/s10551-016-3201-2>
- Carneiro, J. M. T., Gutiérrez, M., & Bertrand, H. (2005). Mensuração do desempenho organizacional: Questões conceituais e metodológicas. In M. Gutiérrez & H. Bertrand (Eds.), *Estudos em negócios IV* (15<sup>a</sup> ed., pp. 23–40). Mauad.
- Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito [FGCoop]. (2023). Relatórios do SNCC. <https://www.fgcoop.coop.br/informacoes>
- Fried, H. O., Knox Lovell, C. A., & Eeckaut, P. V. (1993). Evaluating the performance of US credit unions. *Journal of Banking & Finance*, 17(2–3), 251–265. [https://doi.org/10.1016/0378-4266\(93\)90032-N](https://doi.org/10.1016/0378-4266(93)90032-N)
- Gollo, V., & Silva, T. P. da. (2015). Eficiência global no desempenho econômico-financeiro de cooperativas de crédito brasileiras. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 9(25), 43–55. <https://doi.org/10.11606/rco.v9i25.70223>
- Gutiérrez-Nieto, B., Serrano-Cinca, C., & Mar Molinero, C. (2009). Social efficiency in microfinance institutions. *Journal of the Operational Research Society*, 60(1), 104–119. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jors.2602527>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Produto Interno Bruto dos municípios*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html>
- Jacques, E. R., & Gonçalves, F. de O. (2016). Cooperativas de crédito no Brasil: Evolução e impacto sobre a renda dos municípios brasileiros. *Economia e Sociedade*, 25(2), 489–509. <https://doi.org/10.1590/1982-3533.2016v25n2art09>
- Kaur, P. (2016). Efficiency of microfinance institutions in India: Are they reaching the poorest of the poor? *Vision: The Journal of Business Perspective*, 20(1), 54–65. <https://doi.org/10.1177/0972262916628954>
- Maia, L. L. (2022). *Eficiência e ciclo de vida das cooperativas de crédito: Uma abordagem econômica e social* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais].
- Martínez-Campillo, A., Fernández-Santos, Y., & Sierra-Fernández, M. (2016). The social performance of microfinance institutions: An empirical multivariate analysis. *Sustainability*, 8(4), 1–15. <https://doi.org/10.3390/su8040375>
- Navajas, S., Conning, J., & Gonzalez-Vega, C. (2000). Microcredit and the poorest of the poor: Theory and evidence from Bolivia. *World Development*, 28(2), 333–346. [https://doi.org/10.1016/S0305-750X\(99\)00121-7](https://doi.org/10.1016/S0305-750X(99)00121-7)
- Neely, A., Gregory, M., & Platts, K. (1995). Performance measurement system design: A literature review and research agenda. *International Journal of Operations & Production Management*, 15(4), 80–116.

<https://doi.org/10.1108/01443579510083622>

Quayes, S. (2012). Depth of outreach and financial sustainability of microfinance institutions. *Applied Economics*, 44(26), 3421–3433.

<https://doi.org/10.1080/00036846.2011.577016>

Rosenberg, R. (2009). *Measuring results of microfinance institutions: Minimum indicators that donors and investors should track* [Technical guide]. Consultative Group to Assist the Poor (CGAP).

Santos, A. L. C., Braga, M. J., Bressan, V. G. F., & Resende, M. F. (2019). Effects of regulatory changes in microcredit on the financial and social performance of Brazilian credit unions. *Revista Contabilidade & Finanças*, 30(81), 338–351.

<https://doi.org/10.1590/1808-057x201906710>

Santos, F., Pache, A.-C., & Birkholz, C. (2015). Making hybrids work: Aligning business models and organizational design for social enterprises. *California Management Review*, 57(3), 36–58. <https://doi.org/10.1525/cmr.2015.57.3.36>

Santos, N. S., & Neves, M. de C. R. (2019). Eficiência social e econômica: Uma análise das cooperativas agropecuárias de Minas Gerais. *Revista de Gestão e Organizações Cooperativas*, 6(11), 193–216.

<https://doi.org/10.5902/2359043239307>

Schreiner, M. (2002). Aspects of outreach: A framework for discussion of the social benefits of microfinance. *Journal of International Development*, 14(5), 591–603. <https://doi.org/10.1002/jid.908>

Silveira, G. C. P. (2017). *Microcrédito no Brasil (eficiência social e financeira): Limites e possibilidade* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Montes Claros].

Souza, G. H. D. (2024). *Inclusão financeira e desempenho de cooperativas de crédito brasileiras* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais].

Vieira, L. K. (2023). *Diversificação geográfica e desempenho financeiro e social em cooperativas de crédito brasileiras* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais].

Vieira, L. K., & Bressan, V. G. F. (2023). Diversificação e desempenho em cooperativas de crédito: Uma abordagem não linear. *Brazilian Business Review*. <https://doi.org/10.15728/bbr.2023.22.3.8>

Yoon, K., & Hwang, C.-L. (1985). Manufacturing plant location analysis by multiple attribute decision making: Part II—Multi-plant strategy and plant relocation. *International Journal of Production Research*, 23(2), 361–370.

<https://doi.org/10.1080/00207548508904714>

<b>Planilha de Contribuição dos Autores</b>			
<b>Contribuição</b>	<b>Denise Espich</b>	<b>Marta Von Ende</b>	<b>Flávia Zancan</b>
1. Idealização e concepção do assunto e tema da pesquisa	X		
2. Definição do problema de pesquisa	X	X	X
3. Desenvolvimento da Plataforma Teórica	X	X	
4. Delineamento da abordagem metodológica da pesquisa	X	X	
5. Coleta de dados	X		
6. Análises e interpretações dos dados coletados	X	X	X
7. Conclusões da pesquisa	X	X	X
8. Revisão crítica do manuscrito	X	X	X
9. Redação final do manuscrito, conforme as normas estabelecidas pela Revista.	X		
10. Orientação		X	